

LUDISMO, PRAZER E SONHO EM "PRANTO DE COQUEIRO"

THIAGO JOSÉ MORAES CARVALHAL*

* Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

A

Resumo

bordando as relações da obra literária com a esperança e a felicidade, pretendemos explorar o conto de Mia Couto "Pranto de Coqueiro," de seu livro *Estórias abensonhadas*.

Palavras-Chave: Moçambique; Mia Couto; Felicidade.

A partir da ideia de que a literatura oferece-nos uma possibilidade de ludismo, prazer, sonho e, portanto, felicidade, é que pretendemos abordar o conto "Pranto de Coqueiro", do livro *Estórias abensonhadas*, do escritor moçambicano Mia Couto. Publicada em 1993, após o fim da guerra civil que devastou Moçambique por mais de dezesseis anos, a obra surge apontando para um renascer da sociedade moçambicana, para uma reconstrução do imaginário de um país marcado por tão longo conflito. Essas estórias, mesmo quando exploram cenas de mágoa, dor e sofrimento, terminam por encantar os leitores com sua narrativa poética.

No sul de Moçambique, de um coco partido jorra sangue e também brotam choro e lamento. Deste argumento, o narrador, no estilo das tradições locais, permite-se contar o caso que acontece enquanto esperava, junto a seu companheiro, Suleimane Ibraímo, pelo barco que os levaria de Inhambane¹ de volta a Maputo. O conto principia em uma contação de estórias, marca da oralidade na tradição da cultura moçambicana. É nesta estória que o leitor é chamado ao extraordinário, conduzido na voz do contador, para adentrar na narrativa e dela participar. Nas primeiras linhas do conto, ao conferir ao ocorrido o caráter de notícia, documentada em jornal, o contador põe em vigor a verossimilhança do narrado.

Cidade no sul de Moçambique, situada na província de mesmo nome e fundada por mercadores suais às margens do Oceano Índico.

Nessa estória o autor estabelece os conflitos que se enredam no interior da narrativa: a postura do homem contemporâneo frente ao mito da tradição; os choques entre a cultura tradicional e a ciência moderna, entre as estórias e as histórias. Nesse âmbito, Mia Couto põe em questão o posicionamento da sociedade moçambicana no pós-guerra, a convergência entre a inserção do país na sociedade globalizada e o aflorar da tradição como um contraponto, como uma necessidade da expressão do homem em busca da felicidade. São as personagens da capital, homens com valores urbanos que, como os narratários do conto, são deslocados de seu espaço original e ali se deparam com o inesperado. É na fragmentação das certezas desse homem que se faz possível a organização de novas analogias, de recontar e reconstruir por meio das imagens poéticas.

Nesse Moçambique, que recolhe os fragmentos e aspira à unidade, ao avanço econômico e social, a importância da literatura como questionamento reside em seu poder de conferir novos usos, novas associações e novas imagens poéticas ao que foi desestabilizado durante os anos de conflitos. Trata-se de uma possibilidade de transformação.

Em “Pranto de Coqueiro”, temos o ludismo, a brincadeira que eclode na criação das palavras. Mia Couto, como um malabarista, extrai a expressão de encantamento da nossa alma: o estranhamento da beleza quase irreal da palavra em movimento. Brincadeira, que, sendo arte, fala à alma, pelo encanto da narrativa e pelas imagens que se re-configuram em percinesia, como jogo de espelhos que se movem e jardins que se bifurcam². Um jogo sutil de sentidos que se sobrepõem; tempos em intercessão ora diversos ora simultâneos. A narrativa, homodiegética, alternada entre um Eu múltiplo em si e nos diversos eles que povoam o espaço no conto. Essa presença de uma personagem inominada é como a voz de muitas vozes que com-versam e contam estórias, multiplicando entre si cultura e mito; perfazendo-se jogo de identidades e alteridades, que desfia a estória com muitas vozes, as vozes do homem moderno, as vozes do homem pós-colonial, do mito, dos sonhos e dos cotidianos de Moçambique depois da guerra civil. Sobre essa capacidade do artista, citamos Lima Lins:

Os artistas sabem que seu trabalho criativo se constrói sobre momentos. Seu grande esforço consiste em captar a mensagem que neles permanece contida e exibir uma interrogação que, se nos oferece uma alternativa, destaca nossa incapacidade de consumá-la como realidade verdadeiramente definidora de nossa aspiração. Daí provém a atmosfera de magia e encantamento, que nos provoca, despertando forças que, de outro modo, continuariam adormecidas em nossos centros nervosos. (LIMA LINS, 1993. p. 19)³

BORGES, Jorge Luis. Nova antologia pessoal. p.106-117. O conto “O jardim das veredas que se bifurcam” – aqui citado por propor um labirinto e um enigma e, principalmente, um jogo de signos e imagens; p.75- 81: no conto “A aproximação a Almotásim”, Borges evoca, no subtítulo de um livro chamado *The conversation with the man called Al-Mu’tasim - A game with shifting mirrors* a imagem de espelhos que se deslocam e neles, possivelmente refletidos, a imagem de seu “protagonista visível”, o jogo de alteridades (p.76) e “a insaciável busca de uma alma através dos delicados reflexos que esta deixou nas outras” (p.78), cujo sentido em “Pranto de coqueiro” nos remete à guerra e seus reflexos em cada alma, por associação e extensão de seu sentido naquele conto de J. L. Borges, em uma apropriação nossa daquelas metáforas caracteristicamente polissêmicas.

Palavras de Ronaldo Lima Lins sobre episódio acontecido no metro de Paris: durante todo o trajeto do trem pelos subúrbios um homem remexia em sua bolsa, enquanto olhava nervosamente os poucos passageiros no vagão, alimentando a tensão de que algo de mal lhes pudesse acontecer. O homem, ao final, revela-se apenas um artista de rua, um malabarista.

A partir desse expediente, a literatura processa no homem a atuação de forças que, no processo criativo, no fazer artístico, a princípio, não parecem capazes de modificar a realidade que o cerca. Mas é nessa relação do homem com a arte que se processa, por meio do prazer, do estranhamento e do novo, um novo caminho para decodificar uma realidade em uma nova organização. É maneira para depreender na narrativa literária algo que está para além do registro do real, do prag-

mático cotidiano e descobrir novos mundos particulares, como registra Roland Barthes:

Estar com quem se ama e pensar em outra coisa: é assim que tenho os meus melhores pensamentos, que invento melhor o que e necessário ao meu trabalho. O mesmo sucede com o texto: ele produz em mim o melhor prazer se consegue fazer-se ouvir indiretamente; se, lendo-o, sou arrastado a levantar muitas vezes a cabeça, a ouvir outra coisa. Não sou necessariamente cativado pelo texto de prazer; pode ser um ato ligeiro, complexo, tênue, quase aturdido: movimento brusco da cabeça, como o de um pássaro que não ouve nada daquilo que nós escutamos, que escuta aquilo que nós não ouvimos. (BARTHES, 1987, P. 35)

Essa aproximação entre o homem moderno e a tradição, dada indiretamente – nos diferentes contares dos diversos eventos relacionados ao lenho⁴ em Inhambane – confere ao texto o poder de representar o que não se vê: o subjacente à narrativa propriamente, imanente na imagem do coqueiro e do coco. Seus sentidos metafóricos ampliam aspectos referentes à guerra civil e não expostos diretamente: estão para além do interdito da tradição⁵ e de suas motivações e preceitos, introduzindo noções que associam o coqueiro e seu fruto à maternidade, nutridos por um solo infiltrado de sangue, embalados por um vento impregnado dos ecos da guerra. Essa mesma metáfora reaparecerá ao final do conto, quando, já à caminho de Maputo, o narrador descobre, a acalantar o coco, Suleimane que “voltou a embrulhar o fruto com carinhos que só a filhos se destinam. E se afastou, embalando em canção de nenecar.”(COUTO, 1996, p. 67), mas apresentada com uma mudança significativa, que nos leva a deduzir a orfandade do coco, apartado prematuramente do coqueiro, e sua adoção por Suleimane. Esta segunda reflexão nos sugere o homem prematuramente separado da tradição, carente do embalo ao sono e ao sonho, depreendido disso da crítica estabelecida pelo autor à questão colonial, ao desenvolvimento, à globalização e ao lugar do homem moçambicano no mundo⁶.

Coco verde.

É proibida, pelas tradições locais, a colheita do coco verde: “ofenderam a tradição local que põe no sagrado coco quando ainda verde. Interdito de colher, interdito de vender. (...) Mas agora com a guerra, tinham vindo os de-fora, mais crentes em dinheiro que no respeito aos mandamentos”.

COUTO, Mia. *Pensatempos*.

A imagem mais relevante que pudemos encontrar que ilustrasse esse desfalecimento onírico foi aquela do quadro Danaë (coleção privada, Viena), do pintor vienense Gustav Klimt. Danaë, filha de Eurídice e Acrísio, rei de Argos, e por ele mantida prisioneira, é representada em seu encontro com Zeus, simbolizado pela chuva dourada entre suas pernas. Dessa relação amorosa nasce Perseu. Danaë aparece aqui como a personificação do solo fertilizado pelas chuvas do deus-céu, no momento em que, dormindo, é fecundada. Outro significado associado a ela é a da terra ávida por umidade, à espera da fecundação.

Dessa forma, ludismo e prazer, juntamente com a crítica de Mia Couto à sociedade moçambicana, desencadeiam na narrativa a manifestação do sonho. Onirismo de imagens fantásticas e surrealistas do conto. Sonho no desfalecer de Suleimane, encontrado des-acordado pelo narrador, com a “cabeça ajoelhada no peito” (COUTO, 1996, p.63)⁷; sonho como presença do devir no subconsciente, de uma nova fertilidade – esperança e desejo de colocar o país em uma nova direção, um recomeço. Retirar o homem da sua imobilidade e, na instabilidade, movimentá-lo em direção à mudança, sem medo de enfrentar o desconhecido (um pouco como a atitude do narrador, mas divergindo deste em seu ceticismo). Resgatar o que fora esquecido por anos de aculturação e descrédito ao tradicional, ao sagrado primordial das culturas que são a base da sociedade moçambicana.

Essa aspiração pela mudança que tornara o país ao conflito, dezesseis anos antes, encontraria agora, nesse sonho utópico, nesse desejo e nessa esperança, o anseio do autor pela mudança da realidade: o sacrifício nos conflitos civis já fora feito, e agora, com a reconciliação, não se

poderiam perpetuar as diferenças que deram causa aos combates, mas, nesse momento de reconstituição, haveria que se fazer delas o meio para o ajuste. Tal reflexão encontra eco nas palavras de Lima Lins:

Junto com a incapacidade de se garantir aqui uma situação de justiça, de paz, sonhava-se com a felicidade e especulava-se quanto aos meios de atingi-la. (...) as projeções utópicas se desenvolveram e se multiplicaram (...) na medida em que os conflitos transbordaram de seus limites ou aumentaram a pressão por soluções. (LIMA LINS, 1993, p.. 25)

A obra de Couto nos remete também às reflexões de Ernst Fisher (1983), quando este fala da necessidade da arte, em função de sua magia inerente; ou, ainda, ao pensamento de Barthes (1987), quando este relaciona o prazer à capacidade de um texto se fazer ouvir indiretamente – “sermos nós, sendo outros,” (COUTO, 2005, p. 10) como sugere o próprio Mia Couto. É, portanto, abordando as relações da obra literária com a esperança e a felicidade irrompendo na cena moçambicana, num período de profunda carência, que exploramos o conto de Mia Couto. Suas estórias irrompem na cena literária moçambicana num período de reflexão; encenam caminhos de recuperação de uma linguagem mágica e original⁸.

Antonio Callado recorda-nos, em seu prefácio ao livro de Ernst Fischer *A necessidade da arte*, a capacidade terapêutica da palavra: “A medida que a vida do homem se torna mais complexa e mecanizada, mais dividida em interesses e classes, mais ‘independente’ da vida dos outros homens e portanto esquecida do espírito coletivo que completa uns homens nos outros, a função da arte é refundir esse homem, torná-lo de novo são e incitá-lo à permanente escalada de si mesmo”.

ABSTRACT

Addressing the relations of the literary works with hope and happiness, this text explores the short story of Mia Couto “Pranto de Coqueiro”, from his book *Estórias Abensonhadas*.

Key words: Mozambique; Mia Couto; Happiness.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Maria Fernanda. *O Conto Moçambicano, Escritas Pós-Coloniais*. Lisboa: Caminhos, coleção. Estudos Africanos, 2004.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BORGES, Jorge Luis Borges. *Nova antologia pessoal*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969.
- BRAÚNA, Décio. *Uma nação entre dois mundos: questões pós-coloniais moçambicanas na obra de Mia Couto*. Fortaleza: Scripta Editorial, 2008.
- CHABAL, Patrick. *Vozes moçambicanas*. Lisboa: Veja, 1994.

COUTO, Mia. **Estórias abensonhadas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

COUTO, Mia. **Pensatempos: Textos de opinião**. Lisboa: Caminhos, 2005.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas africanas e formulações pós-coloniais**. Imprensa Universitária UEM. p. 81-83. Em torno de “modelos” do romance moçambicano.

LIMA LINS, Ronaldo. **Nossa amiga feroz. Breve história da felicidade na expressão contemporânea**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PEREIRA, Edgar Nasi. **Mitos, feitiços e gente de Moçambique**. Narrativas e contos. Lisboa: Editora Caminho, 1998.

SILVA, Franklin Leopoldo. **Felicidade - dos filósofos pré-socráticos aos contemporâneos**. São Paulo: Claridade, coleção Saber de tudo, 2007.